

Guimarães Rosa atrai leitores para compartilhamento no IEB

“Linda vai narrar para gente esse trecho”, avisa a coordenadora Rosa Haruco Tane no início da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP. Estão lá cerca de 20 pessoas com idades variadas e o interesse comum por um dos principais autores da literatura brasileira.

FOTOS: GENIVALDO CARVALHO



Detentora do acervo do escritor, instituição promove desde 2002 oficina semanal de leitura de sua obra

Há quem esteja participando pela primeira vez, como o produtor gráfico Luiz Monforte e a ceramista Viviane Capezzuto, e quem começou neste ano e, portanto, integra pela terceira vez (é o terceiro encontro do ano) a reunião realizada às quartas-feiras, casos dos estudantes de História Renata Ribeiro e Lucas Andrade.

Estão presentes ainda integrantes cativos, caso das ‘roseanas de carteirinha’ Linda Yazbek Rivitti e Regina Pereira (que inclusive passaram a atuar na organização), e do livreiro e romancista Daniel Krasucki, os três frequentadores assíduos há mais de 10 anos.

“As portas estão abertas a todos que queiram ler Guimarães Rosa. Não precisa ser da área da literatura, nem acadêmico. A ideia é compartilhar a leitura, trocar experiências, sempre tendo a obra de Guimarães Rosa como tema”, explica Rosa. Linda, que teve aulas de contação de histórias na oficina do grupo Miguilim (vinculado ao Museu Casa Guimarães Rosa, de Cordisburgo, terra natal do escritor), narra, então, pequeno trecho de *Grande sertão: veredas* – obra escolhida no início das atividades do ano pelo grupo presente.

Aproximação – *Viver é muito perigoso*, termina Linda, para dar voz aos outros participantes, que leem em roda de um a dois parágrafos cada. As pequenas pausas para o revezamento são



Dieter (criador da oficina)

oportunidades também para comentários, compartilhamento de informações e consultas ao dicionário, com grande interesse de todos. A atmosfera é de integração plena, mesmo entre as pessoas que nunca se encontraram antes.

As ambientações, termos, sonoridades e sentimentos que vêm à tona por meio da história revelam-se elemento de aproximação imediata. Entre os participantes do dia está o criador da oficina, o geógrafo alemão Dieter Heidemann, a quem chamam de seu Dito ou professor Dito.

Sua história se entrelaça à da leitura quando conta as motivações da iniciativa longeva. Foi em 2002, quando o então professor do Departamento de Geografia



Rosa, coordenadora



Linda, uma das roseanas



Luiz: “Deslumbramento”



Regina, integrante cativa

da USP assumiu a função de vice-diretor do IEB, que o encontro passou a ocorrer semanalmente na instituição detentora do acervo do escritor, composto por mais de 20 mil itens, entre os quais livros, correspondências, recortes de periódicos, fotografias e cadernos manuscritos de sua criação literária. O material foi comprado pelo IEB de sua família em 1973.

“Tudo aconteceu porque me casei em 1989 com uma geógrafa e cineasta apaixonada por Guimarães Rosa”, conta. “Eu me sentia, inclusive, personagem de *Dona Flor e seus dois maridos*”, brinca, referindo-se à reverência que sua mulher Marily Bezerra, realizadora do premiado curta-metragem *Rio de Janeiro, Minas* (1993), prestava à obra do escritor. O filme é baseado no trecho de *Grande sertão: veredas*, em que os personagens Riobaldo e Diadorim se encontram pela primeira vez.

Frutos – Em 1995, Dieter e Marily participaram de uma roda de leitura de Guimarães Rosa no departamento de

Geografia. “E como geógrafos pensam com os pés, saímos em expedição para Minas, 22 pessoas, em busca das paisagens roseanas, principalmente do distrito de Morro da Garça (MG), destaque na história de um dos contos de *Corpo de baile (O recado do morro)*”, lembra o professor Dito.

No ano seguinte, o casal voltou para lá e comprou uma casa, residência atual de Dieter, viúvo desde 2007. “O professor costuma levar a roda para lá e participa da oficina quando vem a São Paulo”, conta a coordenadora. Estabelecida no IEB, a iniciativa, além de ocorrer sem pausas desde 1994, dá vazão a outros projetos: aconteceram, entre outras ações, uma virada cultural roseana, com atenção à literatura do escritor da manhã de sábado à tarde de domingo, além da produção de textos inspirados em sua obra. “Há muitos casos de pessoas que começaram a escrever no decorrer da oficina”, salienta Rosa.

A agente de viagens Linda e a jornalista aposentada Regina, por exemplo, tornaram-se fiéis à sua dedicação à obra do escritor. Elas criaram o grupo Devotos do Rosa, que realiza ‘viagens literárias’ para o Parque Grande Sertão Veredas, que abrange sertões de Minas e da Bahia. “Também fazemos eventos, entre eles caminhadas no Minhocão chamadas Grande Minhocão: Veredas, nas quais lemos trechos do livro e entregamos rosas de crepom”, conta Regina.

Simone de Marco
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial

“Guimarães Rosa a gente não lê, a gente entende”

A jovem de 22 anos Renata Ribeiro conta o que a levou a procurar a oficina tão logo soube dela. “Eu nasci no sul da Bahia e, como desde pequena mudei várias vezes de cidade com meus pais, me sentia uma pessoa desenraizada. Isso me incomodava”, explica, revelando que descobriu na literatura de Rosa o seu lugar.

“Comecei a ler aos 17 e não parei mais. Por isso estou aqui”, declara.

Lucas Andrade também foi atraído por se sentir impactado pela obra roseana. “Quando comecei a ler *Grande sertão*, aos 14 anos, iniciei uma travessia. Nunca terminei o livro, pois não queria fechar a história. Guimarães, na verdade, a gente não lê, a gente entende”, destaca.

Para o argentino Daniel Krasucki, no Brasil desde 1977, a entrega ao autor se deu com a intenção de entender o país que escolheu para viver. “Principalmente, a língua”, diz. Luiz Monforte soube da roda e não hesitou em conhecê-la. “Eu alucinei com as 20 primeiras páginas de *Grande sertão*. É um deslumbramento”, avalia.

“Conheci Guimarães pelo Diadorim”, revela Viviane Capezzuto, referindo-se ao nome do barco da sogra, pessoa amada. A paixão pelo escritor foi herdada dela, que escreveu texto acadêmico sobre ele. “Aconteceu uma coincidência”, diz, sobre a presença no IEB.

Conta que estava separando livros para doação e achou um que tem o trabalho da sogra publicado. “Logo em seguida, eu soube da oficina. Vim ler Diadorim”, conclui.



Daniel, conhecer a língua



Renata, 3º encontro



Lucas, impactado



Viviane: “Ler Diadorim”

SERVIÇO

Oficina de Leitura João Guimarães Rosa
Toda quarta-feira, até o fim do ano,
das 18 às 20 horas
IEB – Edifício Brasiliana – Praça do
Relógio Solar, 342
Informações pelo e-mail
rosaharuco@yahoo.com.br
Entrada franca